

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PÁGINAS INÉDITAS DE FÉLIX ALVES PEREIRA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1941 | Número: 51

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Páginas Inéditas de Félix Alves Pereira. *Revista de Guimarães*, 51 (4) Out.-Dez. 1941, p. 312-330.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Páginas inéditas de Félix Alves Pereira

(Continuação de pág. 40)

CAP. II

Acessórios vários

1 — Braços de pedra

Na minha visita a Briteiros encontrei um exemplar de certas pedras que julgo serem as que Cartailhac refere com o qualificativo de *coudées*, e das quais no Museu de Guimarães havia três ou quatro, e no do Pôrto uma. A 1.^a que apresento é que estava na própria montanha; as outras três, procedentes da mesma estação, desenhei-as no Museu e podem ver-se também na fotografia. A do Museu do Pôrto provinha de Terroso ou Laúndos e representa-se na fig. 46.

Estas pedras, que designarei por *braços*, eram mais ou menos curvas, mais ou menos alongadas, adelgaçavam um pouco para a extremidade superior, e, na outra extremidade, tinham um engrossamento tóscico, o que apenas se pode ver na fig. 45. Esta parte destinava-se a ficar oculta em parede; a outra parte era em alguns exemplares ornamentada pelos lados e pela frente, e na da fig. 44 a ornamentação, que consistia em uma simples nervura média, via-se tanto na parte convexa como na côncava, cuja extensão era de 0,^m40.

Além destes braços completos, vi no referido Museu um fragmento com os seguintes labores: a nervura média e ao lado dois sulcos; lateralmente os sulcos eram três. A ornamentação destes braços indica

que a sua situação era no exterior das casas ou nas próprias paredes delas, ou em algum outro muro aces-

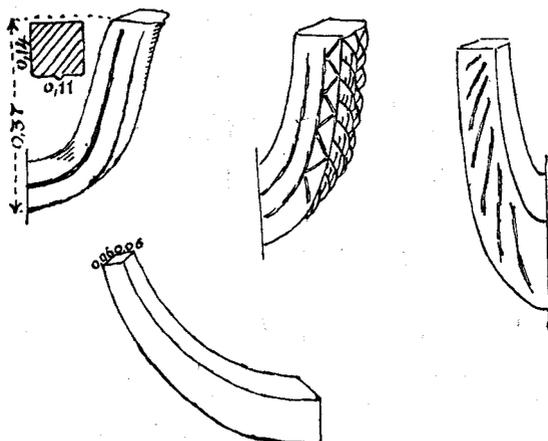


Fig. 44.

sório; em todo o caso applicavam-se a uma superfície vertical.

O braço da fig. 45 tem na base da curva uma leve depressão de 0,^m110 de extensão, que claramente mostra que estes braços serviam de apoio a qualquer objecto fixo. Se fôsse prisão de gado, como as argolas, essa parte seria arredondada.

M. Sarmento pensava que estas pedras, que «figuram quasi gaitas de boi», se destinavam a ser enterradas pela parte mais grosseira (*Rev. de Guimarães*, XXI, 4). Num ponto diz que apareceram duas das tais pedras parelhas e em ângulo recto; também lhes chama cornos e botas. Mas quanto ao seu destino entendia que eram prisões de gado.

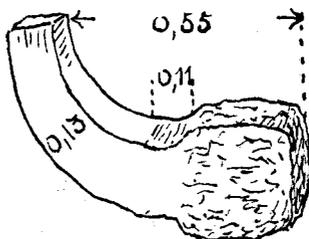


Fig. 45.

E. Cartailhac, sem excluir a serventia proposta por M. Sarmento, sugere também que se destinavam

a suportar um pêso qualquer (note-se esta explicação).

No Museu do Pôrto vi uma pedra que me parece relacionar-se com estas. Representa-a a fig. 46. Destinava-se também decerto a ser cravada em parede vertical, ficando saliente o prolongamento em ângulo recto.

Inteiramente semelhante à pedra do Pôrto, usam na Ericeira umas pedras a que chamam *cachorros*, que embebem nas paredes e servem para os pescadores pendurarem as rêdes aos lados das portas das suas casas. São colocados estes cachorros à altura de um homem, ou pouco mais.

Reunidos estes elementos, parece-me poder aventar a hipótese de que os *braços* de pedra das citâneas poderiam servir, não para prisões de animais, mas para suportes de perchas ou barrotes onde as peles deveriam sofrer algum tratamento. Para prisão de animais havia as argolas de pedra; para o matadouro do gado graúdo havia as asas de pedra no próprio solo; para o tratamento das peles, que até podiam servir para cobertura de habitações, havia os *cachorros* que, se não há engano, apareceram quâsi sempre em grupos. Esta serventia tão importante entrevê-se até na distinção concedida aos braços de pedra, ornamentando-os.

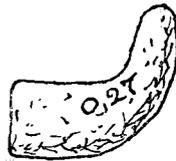


Fig. 46.

2 — Argolões de pedra

As fig. 47, 48, 49 e 50 mostram a forma destas pedras. Essencialmente estas pedras eram afeiçoadas como um grosso disco perfurado ao centro e às vezes ornado de labores na periferia ou, menos ostensivamente, dos lados. Esse grosso disco prolonga-se radialmente por um espigão volumoso mas grosseiramente cônico, que serve claramente para ficar oculto, embebendo-se em uma parede. O da fig. 47 é mais subquadrangular que discóide e diferencia-se dos seus similares em que o espigão, aliás embebido em uma parede ou bancada, me pareceu mais grosso que o pró-

prio argolão. Neste, o diâmetro do orifício é de 0,05. Veio de Monte-Redondo.

Este e o da fig. 48, que procede de Briteiros, pertencem ao Museu de Guimarães, onde também medi outro com o diâmetro de 0,23; a espessura de 0,08 e o orifício de 0,05. O da fig. 48 parece ser o mesmo a que se refere a *Rev. de Guim.*, xxii, 22. Estava no seu lugar, diz M. S., isto é, em uma corte pequeníssima. O da fig. 49 estava em Briteiros, onde o desenhiei e medi. O Museu do Pôrto também possuía um, que vai medido e representado na fig. 50, sendo a sua espessura 0,105.

Na citânia de Sanfins vi um fragmento destas pedras, plano em ambas as faces; no diâmetro tinha 0,25 e o orifício 0,07.

Sarmento menciona (*Rev. de Guimarães*, xxii, 11) duas que encontrou no seu lugar; estavam cravadas

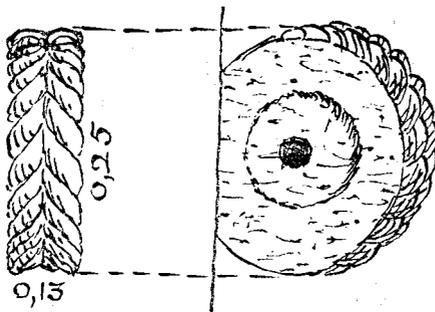


Fig. 48.

exteriormente no ângulo arredondado de uma casa quadrangular e denominou-as argolas, pela disposição em que as viu. Isto em Briteiros. Em Sabroso, no apenso de uma casa, informa M. Sarmento (*Rev. de Guimarães*, ...) que apareceram duas argolas embutidas na parede, a par, à distância de 3 metros, e voltadas para dentro, supondo êle que eram para animais (Cf. *Observações à Citânia*, ...).

Em todo o caso, uma das argolas de pedra, que vi



Fig. 47.

exteriormente no ângulo arredondado de uma casa quadrangular e denominou-as argolas, pela disposição em que as viu. Isto em Briteiros. Em Sabroso, no apenso de uma casa, informa M. Sarmento (*Rev. de Guima-*

na própria estação de Briteiros, deixou-me em dúvida sobre qual seria a sua posição.

E. Cartailhac também fez a observação de que algumas destas pedras furadas foram vistas nos seus lugares; refere em especial um pequeno recanto formado pelas paredes de diversas construções e que se utilizou para se guardar aí gado miúdo. Por isso

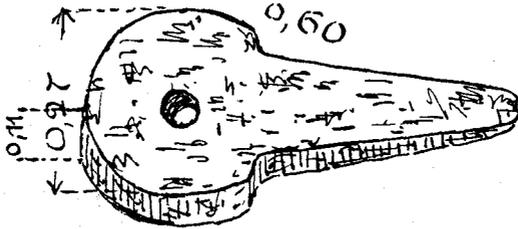


Fig. 49.

também só as encontrou na parte exterior das casotas (*Les âges préhist., ...*).

A prisão dos animais por meio de argolas de pedra embebidas nas paredes das construções, é processo ainda hodierno.

Na Ericeira, e em geral nos concelhos de Mafra e Sintra, às portas das adegas e à altura de um homem embebem horizontalmente nas paredes umas pedras perfuradas, aonde se prendem os machos que chegam com as cargas de uvas.

Suponho que as argolas castrejas que acompanham este artigo seriam de duvidosa confiança, pois que o espigão era afunilado e não grosso. A tracção exercida nessas pedras, no sentido do seu eixo, rapidamente as arrancaria da sua posição.

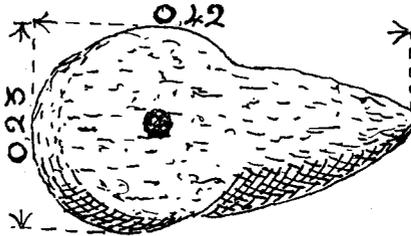


Fig. 50.

3 — Prisões na rocha

Certamente com o intuito de suprir a falta de uma argola de ferro, os habitantes de Briteiros exco-gitaram um meio de obter na própria rocha viva uma prisão de grande solidez sem a adjução de nenhum artefacto estranho. E diga-se, em preito à verdade, que o expediente adoptado não podia ser mais simples. Atacou-se o granito na quina de um degrau natural, de modo que se fazia uma cavidade reservando à superfície uma porção de rocha, que no fim do trabalho unia dois bordos da cavidade, proporcionando assim uma argola ou aselha natural.

A fig. 51 representa uma dessas argolas ou prisões. O desenho foi feito à vista, num ponto da estação de Briteiros onde havia três destas prisões, próximas umas das outras.

¿Qual o destino destas curiosas pedras? O que logo se nos antolha é o de servirem para prisões de gado graúdo, destinado talvez ao açougue. Mas outro ocorre: é o de poderem ter servido para castigos humanos, de qualquer natureza que fôsem.

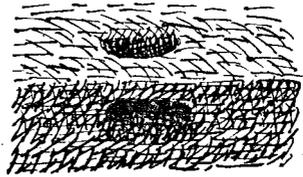


Fig. 51.

4 — Círculos lavrados

No Museu Azuaga estão expostas duas pedras em forma de tronco de cone, das quais desenhei à vista a que já foi publicada na *Portugália* (II, 613). Esta tem na base circular, lavrada a figura de um tríquetro; sendo as asas planas, os intervalos levemente côncavos e ao centro uma covinha circundada de bordos. Esta pedra mede no eixo 0,38; nos dois diâmetros 0,30 e 0,23. O outro exemplar mede, correspondentemente: 0,24; 0,28; 0,21.

No Museu do Pôrto encontra-se um exemplar análogo de pedra circular lavrada e forma cônica.

A figura aqui é uma estrêla flamejante de oito raios indicados por simples sulcos. O contôrno circular é um cordão liso, cuja saliência avulta não sôbre a base inteiramente plana da pedra, mas sôbre a superfície cônica posterior. Esta pedra provém das explorações de Terroso ou Laúndos.

Parece-me pertencer à mesma família a pedra circular de estrêla sexfólia encontrada no Castelo de S. Miguel-o-Anjo (*Archeologo Português*, I, ...).

Apenas difere na forma posterior, porque enquanto nas três primeiras é um cone, nesta é uma protuberância tôsca.

Parece não poder duvidar-se de que estas pedras serviam para ornar a parede exterior de um edifício, talvez sôbre a porta de entrada, não por mera intenção decorativa, mas com um fim profilático ou religioso.

Além destas, a cidade de Ancora ministrou outra não menos interessante. É uma pedra circular em que se destaca um quadrifólio inscrito em um torçal circular. Os claros são preenchidos com losangos curvos iguais aos que formam o quadrifólio (fig. 52).

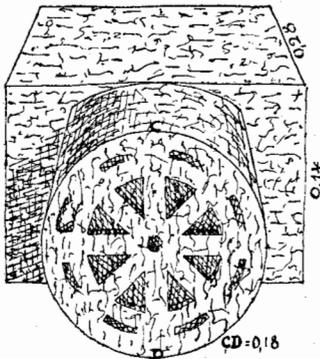


Fig. 53.

Desta família de pedras, uma há proveniente da Citânia de Briteiros e que vem reproduzida na *Rev. de Guimarães*, XXII, 13. Está representada na fig. 53. É uma figura octogonal, de sectores gravados dispostos radialmente e que não atingem a periferia da pedra circular. Na zona existente entre a aresta exterior do

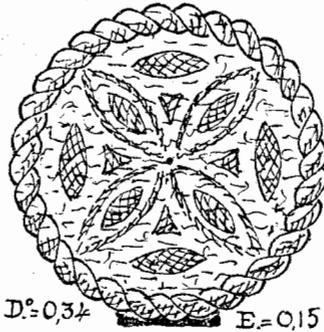


Fig. 52.

círculo e a curva dos sectores triangulares, foram gravados oito traços paralelos ao contôrno circular, disposição esta que dá à pedra um curioso ar artístico. Se mentalmente preenchêssemos de côr a superfície desta pedra, poupando os cavados, veríamos aparecer com notável nitidez uma perfeita roda. A posição em que está

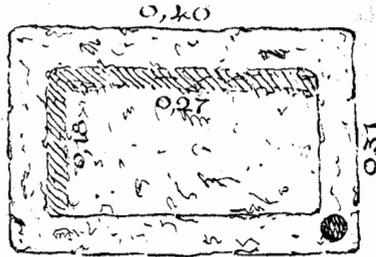


Fig. 54.

desenhada é aquela em que a encontrei exposta no Museu da Sociedade.

5 — Pias

Neste acessório, encontram-se vários modelos, desde os simplificados das figs. 54 (Museu, de Britei-

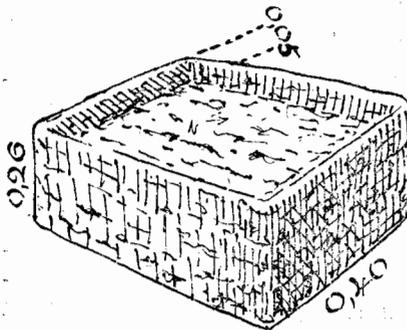


Fig. 55.

ros) e 55 (Briteiros, estação), até o mais evolucionado da fig. 56, de Briteiros (Museu), e o dúplo da fig. 57, que vi em Briteiros.

São formas tão actuais como castrejas, são enfim de tôdas as épocas e, decerto, com vária utilização. Em Briteiros mesmo, vi um cortelho ou antiga pocilga com a respectiva pia dentro, cujo diâmetro era de 0,50. A entrada desta pequena construção tinha 0,50 e a

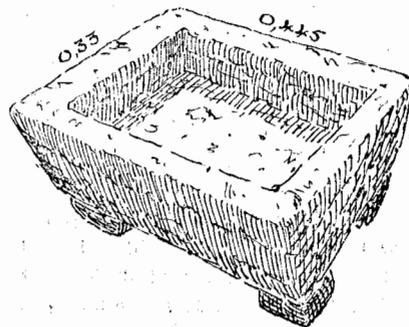


Fig. 56.

planta media 1,60 X 1,30. No Castelo de S. Miguel-o-Anjo descobri também uma pequena casota, que não podia deixar de ter a mesma aplicação (*O Arch. Port.*, I, ...).

A de baixo fundo da fig. 55 tinha, decerto, uma utilização mais levantada, talvez até de carácter religioso.

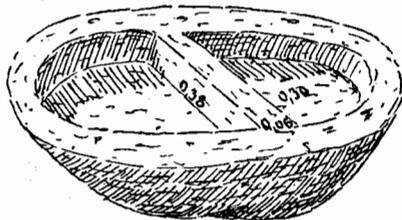


Fig. 57.

6 — Tapadoiros (portas de forno)

As figs. 58 e 59 representam certas pedras quadrangulares, mais ou menos regularmente, com as duas faces maiores de diferente aspecto; enquanto

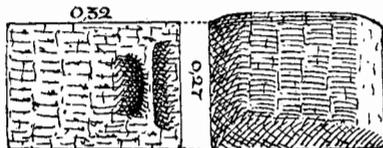


Fig. 58.

uma é abaülada, a oposta é plana e junto de uma extremidade, ou no centro, apresenta uma asa ou pegadeira, isto é, uma pequena escavação alongada cujos lados

estão unidos por uma lingüeta reservada na própria pedra ao fazer-se a cavidade. A da fig. 58 estava no Museu de Guimarães e veio de Briteiros; a da fig. 59, na montanha de Briteiros, onde também vi pedras do mesmo aspecto, mas sem asa.

No Museu do Pôrto, entre o espólio dos castros de Terroso e Laúndos, também se encontravam pedras análogas, sem asa porém.

A serventia destas pedras parece não poder ser diferente da que suponho: *portas de forno*. A abundância de mós castrejas

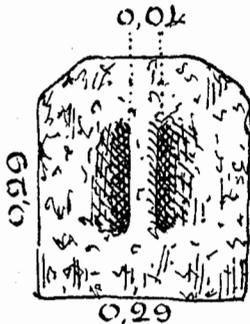


Fig. 59.

mostra que se manipulava a farinha de cereais, destinada à cozedura em fornos.

Em todo o caso não é absurda outra hipótese de que estas pedras podiam ter servido para obter outros recintos que só pudessem ser abertos ou destapados pela parte externa.

Na *Revista de Guimarães* (XX, 6) Sarmiento refere que, na Citânia de Briteiros, encontrou bolota carbonizada de sobreiro, em determinado ponto. (Cf. *Portugália*, I, 114). No cume da montanha ainda lá vi representantes daquela *quercus*, de cujas landes diz Estrabão que, entre outros, os calaicos faziam pão.

Mas no Museu do Dr. Leite de Vasconcelos guardam-se aglomerações de paíño carbonizado de Penacova (estação calcolítica).

7 — Caleiros

Na estação de Briteiros encontrou M. Sarmiento algumas pedras que estão expostas no Museu da Sociedade, e que não podem ter outra interpretação

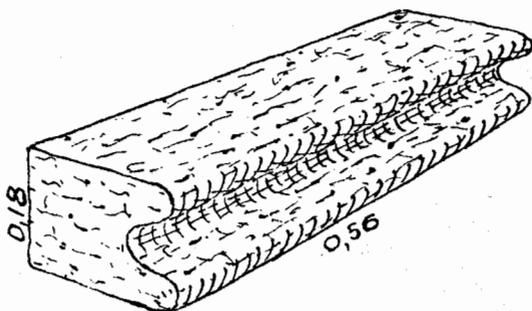


Fig. 60.

que não seja a de servirem de *caleiros* de conduzir água a descoberto. Desenhei uma dessas pedras na fig. 60. Visitando a própria estação luso-romana, deparei-me outra pedra, cuja serventia não pode deixar de ser a mesma da anterior. Veja-se a fig. 61.

Mas, abundando a rocha no outeiro da cidade antiga, nalguns pontos vi aproveitar-se aquela para a

condução das águas, praticando regueiros, alguns dos quais atravessavam as ruas.

Pertence também ao sistema da condução das águas, em Briteiros, a pedra que vai desenhada na

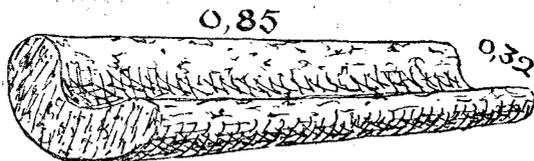


Fig. 61.

fig. 62 e que representa uma gárgula. Pelo corte é fácil ver que se trata de uma pedra que devia fazer

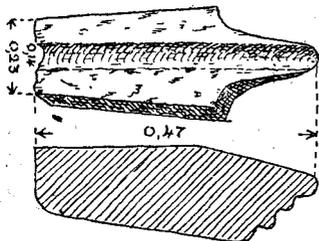


Fig. 62.

saliência sôbre uma parede, na parte pelo menos em que o corte mostra um perfil sinuoso ou em degraus, e decerto não se trata de uma gárgula de edifício, mas de qualquer outra construção de dimensões menos elevadas. Em todo o caso a disposição particular do bico parece ter por fim

evitar que a água recuasse por baixo, como na arquitectura clássica se praticou com algumas molduras. Não me parece que seja meramente decorativo em perfil de escada.

Esta pedra está exposta no Museu vimaranense.

8 — Avulsas indeterminadas

a) Neste capítulo mencionarei em primeiro lugar a curiosa pedra que a fig. 63 representa. Vê-se no Museu de Guimarães e tem indicada

a procedência da cidade de Ancora. É um fragmento de pouca espessura, tôsko pela face posterior,

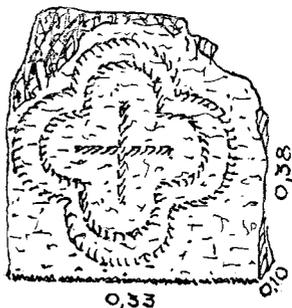


Fig. 63.

plano pela anterior, sem que possa adivinhar-se a que género de pedra pertencerá. É na verdade muito difícil admitir que êste desenho não seja o símbolo cristão. Por outro lado a cruz do cristianismo dos mais antigos tempos não poderia ser indicada por dois simples traços cruzados, ainda que inscritos.

b) Estes fragmentos justapostos, representados na fig. 64, são gravados na pedra que está no Museu vimaranense e provém de Briteiros. Não é uma

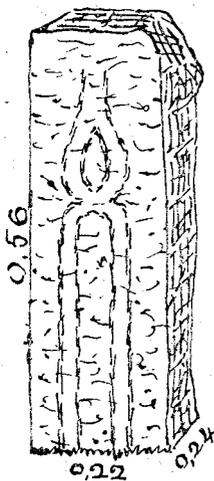


Fig. 65.

figura de fantasia ou casualidade. Na obra de Zannoni, *Gli scavi de Certosa* (Pl. XI, 42), vê-se um desenho igual.

c) Encontra-se no mesmo Museu outra gravura da mesma procedência. Reproduz-a a fig. 66. Mas nas mesmas colecções vê-se outra pedra com

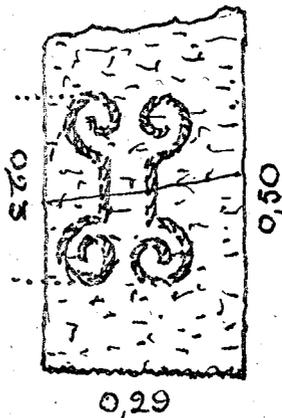


Fig. 64.

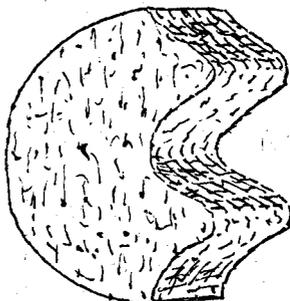


Fig. 66.

d) Representa a fig. 66 um troço de pedra que também se guarda no Museu da Sociedade M. S. e provém de Briteiros. Pode parecer um pedaço de calceiro, mas as duas ilhargas do canal central não têm fácil explicação. Por outro

lado, tambor de coluna ou esteio... não se me afigura.

e) A pedra que a fig. 67 reproduz gráficamente, provém de Sabroso e está também exposta no Museu

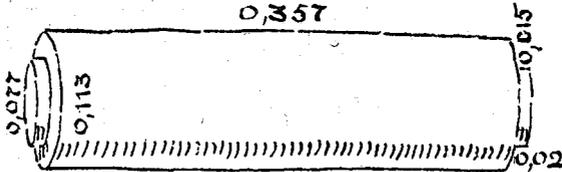


Fig. 67.

vimaranense. É um cilindro de granito, muito fino e bem trabalhado, cujo préstimo me é desconhecido.

f) Eu passaria pelas duas pedras a que vou referir-me, se não visse que elas vieram da chamada Citânia de Briteiros, supondo-as de incerta cronologia.

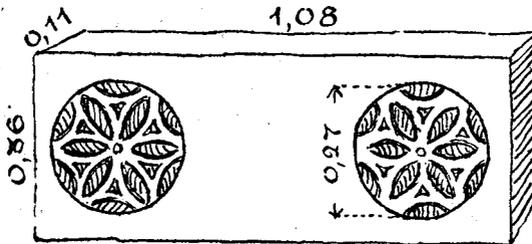


Fig. 68.

¿ Aplicáveis a habitações daquela estação? As suas dimensões dificultam essa atribuição. Qual a sua posição própria? Erectas? Prolongadas? E a sigla T, que não encontro nas reproduções de uma das pedras, quer na *Revista de Guimarães* (xxi, 19), quer na *Portugália* (I, 4)? Nenhuma delas, pelas suas dimensões, podia ser padieira de portada, e a ornamentação não

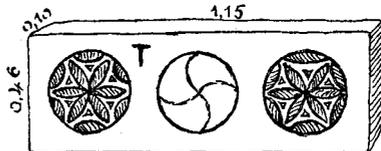


Fig. 69.

tem o carácter adequado a esta utilização. ¿Pilastras ou pilares? Não tenho símiles de referência.

A primeira, fig. 68, tem gravados junto das extremidades dois círculos que inscrevem rosetas sexfólias como outras que Briteiros tem dado.

A segunda, fig. 69, além de outras rosetas na mesma posição, mas menos ornamentadas, tem ao centro outro círculo com uma suástica curva e ao lado uma sigla T. Será esta coetânea? Teria a pedra utilização posterior? Eis um enigma que não sei resolver.

g) Percorrendo a estação de Briteiros, encontrei com abundância certas pedras cilíndricas nas ruínas das habitações. Represento uma na fig. 70. Há com



Fig. 70.



Fig. 71.



Fig. 72.

outras dimensões: $0,25 \times 0,15$; $0,14 \times 0,09$; e uma elíptica, do comprimento de 0,48. Excepcionalmente, uma apresentava uma depressão longitudinal (fig. 71).

Estes cilindróides, forrados de cortiça, proporcionavam umas cabeceiras não muito desconfortáveis para homens que *humi cubant*.

Desenhei uma terceira, porque em uma extremidade apresentava uma pequena cavidade cônica. Representa-a a fig. 72.

h) A fig. 73 representa uma pedra que encontrei na estação de Briteiros, e que não pode ficar sem menção. É um cubo de granito com duas faces um tanto côncavas, a superior e a inferior na posição em que a desenhei.

M. Sarmento descreve outra de Sabroso, em que há uma só face côva (*Rev. de Guimarães*, XXIII, 63).

No vol. XXIII, 48, diz que, defronte da porta de uma casa circular de Sabroso, viu um poial com a altura de dois palmos, meio de diâmetro e três de alto, além da parte que está enterrada.

No castro de Cendufe, donde procedem os troços de estátuas galaicas que descrevi no *Archeologo Português* (...), apareceu uma pedra em forma de tronco de cone, grosso e baixo, com a face menor e superior um pouco côva.

Estes factos permitem, sob reserva, interpretar estas pedras como assentos ou como poiais, defronte das entradas das habitações, cujas soleiras não estavam ao nível do solo.

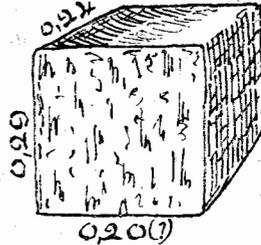


Fig. 73.

i) Uma pedra, aliás incompleta, que observei e me interessou a curiosidade, é a que a fig. 74 representa. O que nela chama a atenção, são dois sulcos que tem no dorso; a sua secção é aproximadamente circular. A parte mais grossa, portanto a que, na figura, está à esquerda, conserva-se tósca, sem trabalho de ferramenta.

M. Sarmento, na *Rev. de Guimarães*, XXI, 101, fala de umas pedras, a que chamava piões e lhe pare-

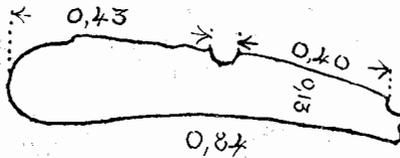


Fig. 74.

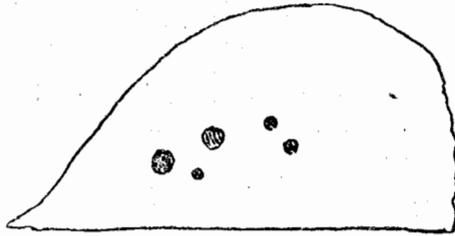
cem cabides, que serviriam para suspender ou suster qualquer coisa, pois que indubitavelmente ressaltavam da parede e aquela serventia lhe era sugerida pela

circunstância de apresentarem *vergões*.

¿Será êste o caso, ou outro análogo, da pedra a que me refiro? A parte tósca dela devia ficar oculta em parede ou no solo; pelos sulcos, ou *vergões*, certamente passavam cabos, ou coisa parecida. Se a sua posição era horizontal ou vertical, é que não sei ao certo.

9 — Petróglifos

Tem carácter prè-histórico uma pedra a que, mais por memória do que por utilidade para o fim destas notas, aqui deixo referência: é uma pedra circular com pequenas escudelas ou covinhas, das quais a central tem 0,04 de profundidade. Provém de Britteiros e encontra-se no Museu de Guimarães.



0,78

Fig. 75.

Nesta estação há vários petróglifos de que Martins Sarmiento dá conta, e que provavelmente se filiam no período calcolítico. Não é raro que, em uma estação lusitano-romana, se encontrem vestígios da época do ferro e ainda das anteriores. Isso prova a permanência das populações em certos outeiros bem situados para a vida e costumes dos povos.

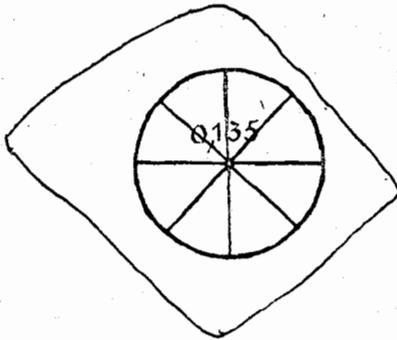


Fig. 76.

Na própria estação estava uma pedra com as seguintes gravuras rupestres: eram também covinhas, das quais as duas maiores tinham de diâmetro 0,03

e de profundidade 0,02. O conjunto está representado na fig. 75.

Em um ladrilho de pedra havia também o seguinte petróglifo: um círculo cortado por quatro diâmetros (fig. 76).

CAP. III

Outras construções

1 — Fonte

Fiz uma fotografia desta curiosa construção, com o guarda que me serviu de cicerone à citânia de Briteiros.

Pareceu-me que ela estava em um recinto fechado, ladrilhado de pedra, e com porta. Era constituída por um pequeno depósito, ao nível do solo, com a profundidade de 0,45, sendo o desvão total, verticalmente, de 1,20. Esse depósito era coberto por uma grande pedra, que se apoiava pelas suas extremidades em grosseiras paredes; na parte traseira, outra parede vedava o depósito de alto a baixo. A construção compunha-se já somente das pedras maiores, que tinham resistido à degradação geral.

A água entrava lateralmente e saía o excesso pela frente, à direita. O caleiro que conduzia a água, nalguns pontos era simples calcetaria com pequenas pedras cravadas dos lados. Esse caleiro terminava junto da chanfradura da pedra que constituía o lado correspondente do depósito. A abertura da frente da construção media de altura, dos lados, 0,56 e 0,68, em consequência da padieira ter descaído.

No bôrdô da pedra que constituía a frente subterrânea do depósito, ao lado do regueiro de saída da água, havia depressões produzidas pela amolação de ferramentas.

É escusado esclarecer que não havia água alguma no depósito.

Terminam aqui os apontamentos de Félix Alves Pereira sôbre a *Citânia de Briteiros*. São breves anotações, mais ou menos incompletas, simples subsídios para a preciosa obra definitiva que êle tencionava rea-

lizar sôbre a estrutura architectónica e monumental das Citânias minhotas, e nos prometera dar à publicidade na «Revista de Guimarães».

Entre os seus numerosos papéis inéditos, deparámos também com o plano geral ou esquema d'êste magnífico trabalho. Nêle transparece o espírito metódico e a orientação perfeita e segura que o ilustre e saudável Arqueólogo dava a todos os seus escritos científicos. Esta sùmula pode, portanto, servir de guia muito útil aos investigadores que se dedicam ao estudo dos velhos castros da região galaico-minhota.

A publicação de tão interessante quadro de conjunto não precedeu, como deveria, as páginas que acabamos de publicar. Fazêmo-lo, porém, agora, indicando com um asterisco os assuntos que o Autor não chegou a esboçar, e que por isso, infelizmente, tiveram de ficar omissos nesta Revista.

CITÂNIAS

Cap. I — HABITAÇÕES

- 1 — Planta e dimensões das casas. Dependências e recintos.
- 2 — Aparelho exterior e interior das paredes, espessura e revestimento.
- 3 — Altura e aspecto das casas e seus vestíbulos.
- 4 — A entrada, composta de:
 - a) — Soleira
 - b) — Padieira
 - c) — Umbreira.Forma, dimensões e lavores.
- * 5 — A cobertura, beirais, chaminé.
- 6 — Acessórios internos, constituídos por:
 - a) — Lar
 - b) — Coluna central
 - * c) — Poiais, tarimas, cantareiras
 - d) — Pavimentos.
- 7 — Pedras avulsas, com lavores (pilastras, entablamentos, colunas, cornija).

* Cap. II — ARRUAMENTOS, CANCELAS, PORTELOS, AGRUPAMENTOS DE CASAS.

Cap. III — ACESSÓRIOS VÁRIOS

- 1 — Braços de pedra.
- 2 — Argolões de pedra.
- 3 — Círculos lavrados.
- * 4 — Piões.
- 5 — Outras pedras avulsas indeterminadas, mas relacionadas com a arquitectura.
- 6 — Pias.
- 7 — Tapadoiros (portas de forno).
- 8 — Prisões na rocha.
- 9 — Caleiros.
- 10 — Cilindros.
- * 11 — Marcos.
- * 12 — Cones de pedra.
- * 13 — Trisceles avulsos.
- 14 — Petróglifos.

Cap. IV — OUTRAS CONSTRUÇÕES

- 1 — Fonte.
- * 2 — Cortes ou estábulos.
- * 3 — Muralhas:
 - a) — Aparelho
 - b) — Seu número
 - c) — Trincheiras.